



II FÓRUM DE INTEGRAÇÃO: Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação Tecnológica do IFRR

20 a 22 de novembro de 2013
Boa Vista - RR

A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA NA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO NO BRASIL

Emerson Clayton Arantes¹
Kelly Sindeaux de Magalhães²

INTRODUÇÃO

A importância da pesquisa científica vem se destacando com uma das fontes da vantagem competitiva de empresas e dos países. Este artigo discute a importância da pesquisa para a formação de profissionais, apresentando alguns conceitos e argumentos a favor de seu uso como estratégia de aprendizagem na qualificação profissional nos cursos de graduação no Brasil.

PESQUISA NA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA NOS CURSOS DE SUPERIORES DE GRADUAÇÃO NO BRASIL

A pesquisa tradicionalmente tida como atividade indissociável da produção do conhecimento nas universidades e centros de estudos, a pesquisa científica vem assumindo maior relevância diante da disseminação em escala global de modos de produção e da vida em sociedade fundados no uso intensivo e dinâmico de conhecimentos e informações. Assim o domínio das atividades de pesquisa passou a ser fundamental para a descoberta, desenvolvimento, aplicação e crítica de novos conhecimentos, como para assimilação daqueles já produzidos em outros centros, caso muito comum em sociedades periféricas como o Brasil.

A pesquisa pode ser definida como um processo sistemático de geração de novos conhecimentos. Embora seja uma das funções clássicas da universidade, assume um significado em cada realidade cultural e histórica. Principalmente nas últimas décadas, a intensificação dos processos de produção e disseminação de

¹ Mestre em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do Departamento de Administração da Universidade Federal de Roraima (UFRR). E-mail: emersonclaytonarantes@gmail.com

²Especialista em Capacitação Empresarial para Micro e Pequenas Empresas (UFRR). Administradora. E-mail: kellysindeaux@hotmail.com

informações tem levado a atividade de pesquisa a assumir uma dupla importância para as organizações que lidam intensivamente com o conhecimento: a) para produção e desenvolvimento científico e/ou tecnológica; e b) para assimilação e adaptação de tecnologias exógenas. Para Caraça (1993), a questão central para todas as áreas de conhecimento não é necessariamente a escassez de recursos, mas formação de recursos humanos qualificados, fator demandante de um relativo longo período de tempo e cultura adequada.

Por outro lado, para QUIVY (1995) a aprendizagem passa a ser a nova premissa de empregabilidade e de educação continuada, enfatizada no novo paradigma das relações de trabalho, pressupondo a capacidade do profissional para processar e sistematizar autonomamente conhecimentos, informações e dados. O que pode encontrar como uma contribuição significativa na atividade de pesquisa dado sua qualidade de instigar no acadêmico o olhar crítico e o rigor metodológico, permitindo o desenvolvimento da atitude investigativa, aprofundamento teórico e o ganho de qualidade na intervenção.

Cursos Superiores como, por exemplo, o de Administração da *Harvard Business School* e do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) usam como estratégia de ensino a inovação intelectual, compreendida com um ambiente voltado para a pesquisa e constante capacitação de seus docentes. Assim, Demo (1999) aponta a pesquisa menos para o tratamento sofisticado de dados e teorias, do que para a capacidade de aprender de maneira permanente e reconstrutiva. Vem definida como “questionamento reconstrutivo”, assinalando um duplo desafio: saber questionar apanhando a energia da inovação sem fim do conhecimento crítico e criativo; saber reconstruir, apontando para a competência de elaboração própria, individual e coletiva, inclusive para a prática.

A pesquisa deixa de ser atividade especial ou eventual, emergindo como atitude de vida, postura pedagógica, caminho para a inovação. Não apenas como exigência de mercado, mas porque nenhum processo formativo chega a completar-se, seja porque nenhuma realidade se deixa apanhar totalmente, seja porque os novos cenários do trabalho estão marcados pela incerteza e redefinição constante.

Nesse sentido, Demo (1999) afirma que a pesquisa deve ser adotada como estratégia de aprendizagem em instituições de ensino. Conforme alguns estudiosos, a pesquisa é o ambiente mais pertinente de aprendizagem, sem falar que a capacidade

de saber se tornou componente central do profissional moderno. É necessário, contudo, tomar cuidado com o conceito e a prática da pesquisa, geralmente estereotipada em vezos acadêmicos rituais ou muito rebuscada. A pesquisa como método de geração do conhecimento contínuo, mais que nunca, de pé, mas nisto não se esgota. A competência humana de aprender de maneira permanente e de se renovar sem cessar não pode provir de hábitos reprodutivos, como são os preponderantes na escola e na universidade, rebaixados a entidades aonde não se vai muito além de assistir aulas. A idéia não é fazer dos alunos necessariamente “pesquisadores profissionais”, mas “profissionais pesquisadores”, a saber, que sabem recorrer à pesquisa como forma permanente de aprender e renovar-se.

Segundo Severino (2008), a atividade de ensinar e aprender está intimamente vinculada ao processo de construção do conhecimento, já que é o ato de implementar uma equação de acordo com a qual educar (ensinar e aprender) significa conhecer; e conhecer, significar construir o objeto; mas construir o objeto significa pesquisar. O processo de ensino/aprendizagem no curso superior deve ser adquirido não mais na forma de seus produtos, mas de seus processos. O conhecimento deve ser construído pela experiência ativa do estudante e, neste contexto, a atividade de pesquisa torna-se elemento fundamental imprescindível no processo de ensino/aprendizagem. Neste sentido o autor expõe que:

O professor precisa de prática de pesquisa para ensinar eficazmente; o aluno precisa da pesquisa para aprender eficaz e significativamente; a comunidade precisa de pesquisa para poder dispor de produtos do conhecimento; e a Universidade precisa de pesquisa para ser mediadora da educação (SEVERINO, 2008, p. 26)

Demo (1999) diz que a pesquisa não é parte importante das universidades porque nos Estados Unidos, a quase totalidade delas dedica-se a formar “recursos humanos”, imagina-se de modo apressado, que o mesmo acontece aqui. Mesmo naquelas entidades dedicadas pretensamente apenas criar especialistas profissionais por lá, o corpo de docentes detém pelo menos o grau de doutor, sabe pesquisar com alguma versatilidade e exige dos alunos a capacidade de elaboração própria. No Brasil, aceita - se ainda e até compreensivelmente – professor universitário sem as mesmas capacitações, não afeito a produzir (reconstruir) conhecimento próprio, e exige-se do aluno que escute, tome nota e faça provas.

Para Buenafuente (2012),

O conhecimento é a única ferramenta que o homem dispõe para melhorar sua existência. A universidade é, por excelência, o centro disseminador desse processo e seu papel fundamental é contribuir para a construção desse conhecimento de maneira crítica e reflexiva. Embora os fundamentos da universidade sejam repassados por meio do ensino/aprendizagem, só se aprende e só se ensina pela efetiva prática da pesquisa. A prática do ensino deve proporcionar a abertura e infraestrutura que permitam e incentivem a pesquisa.

Demo (1997) afirma que para criar um ambiente que propicie o desenvolvimento de uma estratégia de aprendizado voltado à pesquisa nas universidades, duas condições são necessárias. Primeiro, para que o aluno aprenda bem, é preciso que possa estudar com um professor que saiba aprender bem. A capacidade do professor de aprender bem é o elemento central da boa aprendizagem do aluno, ainda que a condição mais central seja o esforço re-constutivo pessoal do aluno. Professores que não sabem manejar o conhecimento, não podem levar o aluno a manejar conhecimento. Segundo é fundamental organizar o currículo em torno da pesquisa, não da aula, reservando tempo maior para o compromisso de reconstruir conhecimento e avaliando o aproveitamento do aluno através de elaboração própria, individual ou coletiva.

CONCLUSÃO

Assim, fazer ciência tem agido e promovido a socialização do conhecimento para a melhoria da condição humana, mas como fonte de poder e dominação. No entanto, tem se discutido a criação de comitê de ética para colocar limites éticos ao seu desenvolvimento da ciência e esta não vinculada ao complexo das tecnologias e indústrias destrutivistas. A sociedade espera que as universidades formem cientistas para restabelecer o papel pacífico e construtivo da ciência e da cultura em favor de toda humanidade.

Neste sentido Severino (2008) diz que não haveria o que ensinar e nem haveria ensino válido se o conhecimento a ser ensinado e socializado não fosse construído mediante a pesquisa; mas, não haveria sentido em pesquisar, em construir o conhecimento novo, se não tivesse em vista o benefício social do mesmo

Enfim, parece razoável defender a tendência das universidades e centros de pesquisa a organizarem - se em torno da atividade de pesquisa. Contudo, esta

tendência não é automática e depende de muito esforço e determinação de docentes e discentes. Este é um dos principais desafios dos cursos de graduação que pretendem formar profissionais qualificados para resolverem problemas complexos, ligados à tecnologia, meio ambiente, economia, mercados e governo, não só de suas empresas, como também da sociedade.

REFERÊNCIAS

- CARAÇA, João. Do Saber ao Fazer: **Porquê organizar a ciência**. Lisboa: Gradiva, 1993.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas, SP: Ed. Autores Associados, 1997.
- DEMO, Pedro. **Conhecimento como vantagem comparativa**. Revista FAE , Curitiba, V2, nº 1, jan/ abr., 1999, p. 1-11.
- QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação Ciências Sociais**. Trad. João Minhoto Marques e Maria Amália Mendes. 1995
- BUENAFUENTE, S. M. F. . **Produção do Conhecimento nas Universidades**. In: Antonio Alves Melo Filho, Fábio Luis Wankler, Adalberto Luis Val. (Org.). Universidade, Ciência e Pesquisa na Amazônia. Boa Vista: EDufr, 2012, v. , p. 01-214
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.